

6 Conclusão

Ao observar o papel das ilustrações nas narrativas verbo-visuais dos livros infantis contemporâneos – seja como mediadora deste tipo de leitura junto ao meu filho ou como profissional atuante na área do design gráfico – freqüentemente questionava qual seria a função das ilustrações nesses materiais. Além do fato de proverem grande riqueza visual – fonte de fruição para crianças e adultos – as ilustrações dos livros infantis, em toda a sua extensa gama, teriam, a meu entender, algo mais a justificar a importância de sua presença nesse tipo de literatura. Por que o livro infantil do final do século XIX apresentava menos ilustrações em relação à quantidade de texto do que o livro infantil da atualidade, totalmente ilustrado? Essas foram questões que auxiliaram na formulação da hipótese e dos objetivos desta dissertação.

Após o percurso traçado nesta dissertação, enxergo hoje alguns novos parâmetros para apoiar a análise desses materiais. A ilustração no livro infantil não tem apenas uma, mas várias funções. Uma das principais é a de trabalhar de forma narrativa: a ilustração está intrinsecamente relacionada ao texto, e ambos contam a narrativa do livro infantil.

Este trabalho apresenta a seguinte hipótese: ilustração e texto se potencializam mutuamente na construção da narrativa do livro infantil, justamente pela diferença nos processos comunicativos de ambos. Para submeter a hipótese tive de definir as diferentes relações entre texto e imagem, presentes nos livros infantis. A partir da definição desses tipos de relação, submetemos a hipótese a livros referentes a dois tipos de relação. Os *livros de imagem* não puderam ser submetidos à hipótese porque provêm apenas a narrativa imagética.

Alguns livros infantis se inserem na classificação de *narrativa paralela*. Seriam aqueles em que o texto e a imagem convertem a narrativa, mas não existe dependência da interação de ambos para que a narrativa seja contada. Nesse caso, a hipótese se mostraria parcialmente confirmada, pois ainda que contem a mesma história, imagem e texto são fontes de informação diferentes, apreendidas de forma igualmente diferente. Enquanto a leitura do texto pode ser definida como linear, progressiva, e processada numa ordem estabelecida (da

esquerda para direita, de cima para baixo), a ilustração – visualmente descritiva – detém o olhar do receptor sobre a imagem, requisitando uma consciência holística em relação ao todo da página e da história. Não existiria, nesse caso, potencialização mútua, pois o nível dialógico seria restrito a uma correspondência. Consideramos, portanto, que uma ilustração sempre acrescentaria algo a mais ao texto, mas os livros infantis que se utilizam de uma *narrativa paralela* não fazem desse recurso uma necessidade, pois o texto é auto-suficiente na tarefa narrativa.

Em contrapartida, nos livros infantis em que se encontrasse uma relação de texto e imagem com *narrativa interdependente*, a história seria contada por ambas as linguagens, de forma interativa e dialógica. Nesse caso, a hipótese pôde ser confirmada, pois texto e imagem se potencializam, a cada alternância entre linguagens. Esses livros são planejados de forma que a informação provida pelo texto seja confrontada com a informação provida pela ilustração e vice-versa.

No primeiro capítulo, denominamos livro infantil contemporâneo este que possui as características de relação entre texto e imagem de narrativa interdependente. É importante frisar que nem todo livro produzido na atualidade possui tais características. Assim, desde que o conceito de livro infantil contemporâneo seja utilizado conforme sua definição nesta pesquisa, tudo leva a crer que, neste tipo de livro, ilustração e texto se potencializam mutuamente na construção da narrativa, justamente pela diferença presente nos processos comunicativos de ambos.

Uma vez estabelecida como elemento no livro infantil, a ilustração – inicialmente encontrada num espaço reduzido, subordinada ao texto – foi, de maneira gradativa, ocupando os espaços do livro, equiparando-se ao texto na tarefa de conduzir a narrativa. Hoje encontram-se livros em que a ilustração se faz presente desde a capa até a contracapa, e as informações que converte estabelecem relação dialógica com o texto, induzindo à uma narrativa dinâmica.

Observamos ainda outras formas de relação entre texto e imagem, estudando suas possíveis disposições espaciais na página do livro infantil, dentro do processo de conversão de significado à narrativa. O design do livro, além de acabamento gráfico, é conversor dos significados em consonância com a narrativa. Várias características, como o estilo da ilustração, trazem em seu bojo diversas significações que permeiam camadas objetivas e subjetivas. Cabe ao designer e ao ilustrador identificá-las e utilizar a força dos recursos gráficos em prol da conversão de significados voltados aos objetivos pretendidos. A

disposição espacial de texto e ilustração na página do livro infantil tem se mostrado bastante livre, mas observou-se a tendência atual de aplicações, na qual a forma ou a disposição do texto interagem com a ilustração, numa extensão do dialogismo semântico presente entre ambos.

Tratamos também da relação estabelecida entre texto e imagem quanto à perspectiva narrativa. Viu-se como o ponto de vista e o foco narrativo são fornecidos por texto e imagem, e como estes podem se apoiar mutuamente ou se contradizer, na construção da narrativa. Observou-se ainda **que** essa relação é quase sempre permeada de contradições em relação às informações fornecidas pelo texto e àquelas proporcionadas pela ilustração. As palavras contam o que as ilustrações não mostram, e as ilustrações mostram o que as palavras não contam. A perspectiva narrativa baseada num ponto de vista muitas vezes estabelece, entre texto e imagem, uma relação irônica. A ironia desta relação provoca constante tensão, geradora do envolvimento do leitor/visualizador na história.

Ao identificarmos a ilustração como imagem representada, verificamos que a semelhança não é condição para o entendimento da representação imagética, e sim a denotação. Observou-se também que, apesar de convencionais, texto e imagem possuem potencialidades diferenciadas. Se de um lado, a imagem é mais potente, de outro, o texto é mais eficaz; em alguns aspectos, a imagem completa a possível insuficiência da escrita e vice-versa. Enfim, concluiu-se que imagem e texto encontram, na narrativa verbo-visual do livro infantil, uma chance de se preencherem mutuamente, na compensação da limitação de cada uma através de suas potencialidades específicas.

Outro importante conhecimento que se fez presente durante o desenvolvimento desta dissertação diz respeito às convenções das linguagens. A ilustração é convencional, e para sua compreensão é necessário um aprendizado. É por meio de peças como o livro infantil que o indivíduo começa a entrar em contato com as primeiras convenções do suporte impresso. As lições aí aprendidas permanecerão por toda a vida, mas muito dificilmente a pessoa toma consciência da assimilação dessas convenções imagéticas. Diferentemente da alfabetização, para cuja iniciação formal é dedicado um ano escolar exclusivo, a aprendizagem dos códigos imagéticos se dá por iniciativa informal – auxiliada por mediadores, quase sempre adultos, e assimilada de outras mídias às quais a criança tem acesso, como a TV, o cinema, as histórias em quadrinhos e, mais recentemente, as mídias digitais. Entretanto observamos,

ao longo desta pesquisa, que esse aprendizado não diz respeito apenas às crianças, mas aos próprios adultos.

Ao analisarem narrativas verbo-visuais de livros infantis, Arizpe e Styles afirmam que a relação entre palavra e imagem demanda “habilidades de leitura de alta ordem”, como inferências, pontos de vista, estilos, etc. Apesar de tais publicações não se destinarem ao público adulto, este tem muito a aprender quanto ao seu papel de mediador ou criador de livros infantis. É de primordial relevância o entendimento de que as convenções da linguagem não se encontram no material em si, mas fora deste, nas estruturais sociais. Como as demais ciências sociais aplicadas, a atividade do design está inscrita dentro de estruturas sociais que determinam as suas implicações.

O designer e o ilustrador, cujas atividades implicam a utilização de recursos visuais, podem e devem estar atentos ao uso das convenções das linguagens e suas interações. A problemática imagética não implica apenas uma questão de entendimento ou de reconhecimento. A imagem é simbólica e carrega consigo muitos significados.

O livro infantil contemporâneo desempenha, portanto, importante papel no acesso às narrativas, no interesse da criança pela leitura, e na introdução aos códigos imagéticos. É através do esforço e empenho empreendidos pelo leitor/visualizador do livro infantil, que se estabelece a relação de cumplicidade na composição da história. Quando comparado com outras mídias da atualidade, como o cinema, a TV, as histórias em quadrinhos e a *web*, o livro infantil se posiciona como mais uma forma alternativa de acesso a enredos ficcionais. Apesar de algumas mídias possuírem maior alcance do que outras, não se pode atribuir a nenhuma delas uma condição absoluta, superior ou definitiva. Cada qual possui sua maneira especial de conduzir enredos ficcionais, o que na atualidade pode se dar de forma complementar. Grande parte dessas mídias se utiliza da imagem e da palavra, e a conciliação entre estas linguagens é o caminho desejado na atualidade.

Em termos epistemológicos, observou-se que a imagem parece ainda carecer do apoio verbal. A articulação do código lingüístico é necessária para a relação de idéias, para o estabelecimento dos conceitos. Entretanto, a imagem tem imensa contribuição a oferecer através da sua capacidade descritiva, pois se mostra capaz de, em conjunto com o texto, converter informações em conhecimento. Por sua vez, num contexto narrativo, e em especial no livro infantil contemporâneo, parece possível afirmar que imagem e texto possuem

um *status* de importância equivalente; ora o texto está subordinado à imagem, ora a imagem pode estar subordinada ao texto.